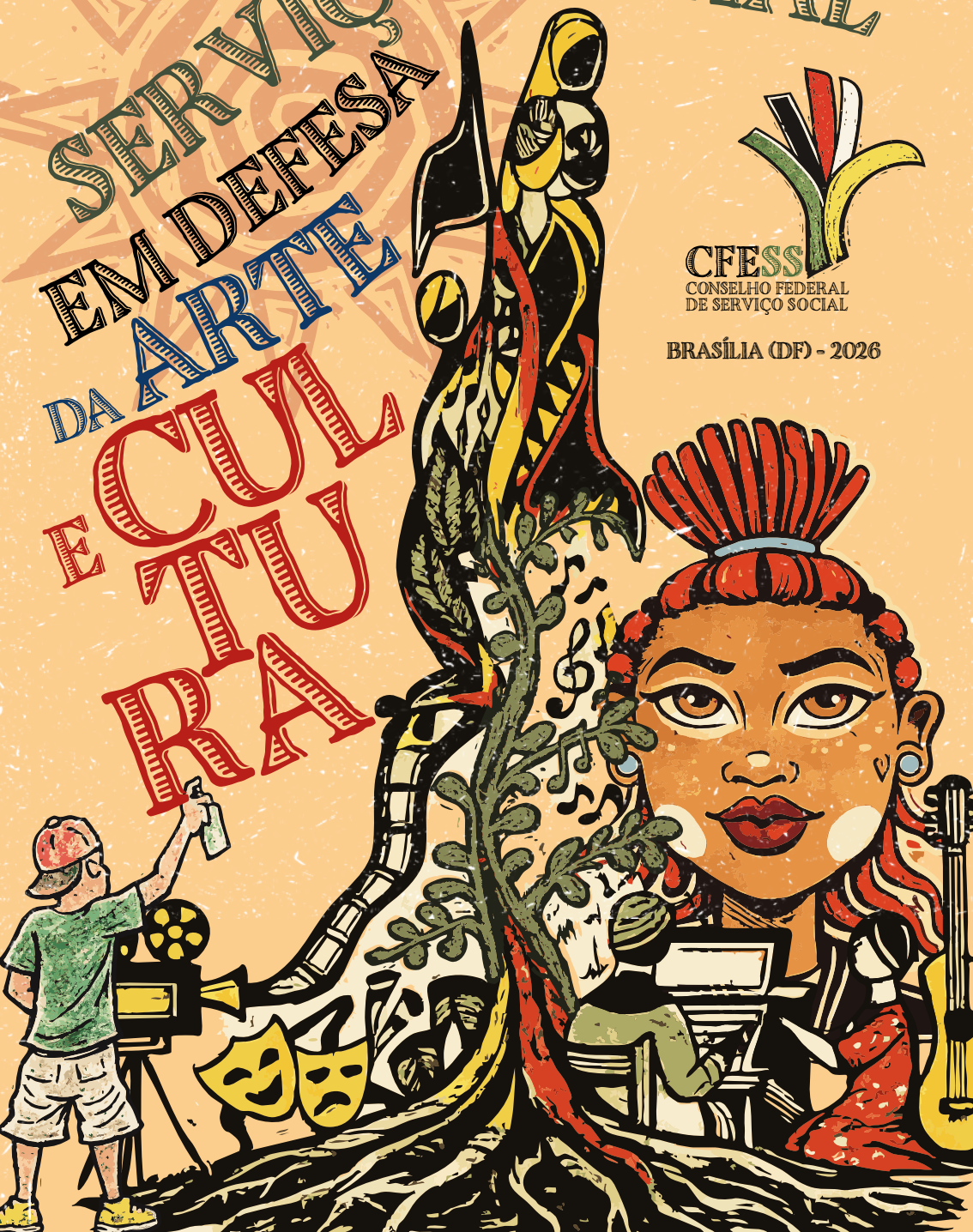


SERVIÇO SOCIAL EM DEFESA DA ARTE ECUL RA



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

BRÁSILIA (DF) - 2026



SERVIÇO SOCIAL EM DEFESA DA ECUL RA



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

Brasília (DF) - 2026





SERVIÇO SOCIAL EM DEFESA DA ARTE E CULTURA

Texto Grupo de Referência Arte e Cultura

Conselheiras Alana Rodrigues, Emilly Marques, Iara Fraga, Mirla Cisne e Raquel Alvarenga; Assessoria: Zenite Bógea ; Assistentes Sociais Giovane Scherer, Leonardo Koury, Luciano Alves, Maria Clara Psoa, Paulo Wesceley e Vanessa Juliana

Contribuições artísticas

Artes visuais Evelyne Medeiros, Sandriane Rocha (Sane) e Mindu Zinek

Poesia Maria Clara Psoa

Projeto Gráfico, diagramação e arte Rafael Werkema

Revisão textual Diogo Adjuto

Brasília (DF), 2026.

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS)

Gestão 2023-2026 ‘Que nossas vozes ecoem vida-liberdade’

Presidenta: Kelly Rodrigues Melatti **Vice-presidenta:** Marciângela Gonçalves **1ª Secretária:** Emilly Marques **2ª Secretária:** Alana Barbosa Rodrigues **1º Tesoureiro:** Agnaldo Engel Knevez **2º Tesoureira:** Larissa Gentil Lima **Conselho Fiscal** Jussara de Lima Ferreira, Angelita Rangel Ferreira e Elaine Amazonas Alves dos Santos **Suplentes** Ubiratan de Souza Dias Junior, Mirla Cisne Álvaro, Karen Albini, Tales Willyan Fornazier Moreira, Adriana Soares Dutra, Iara Vanessa Fraga de Santana e Raquel Ferreira Crespo de Alvarenga



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

SHS Quadra 6, Bloco E, Complexo Brasil 21, 20º Andar, Sala 2001 -
CEP 70322-915 - Brasília/DF - www.cfess.org.br





SUMÁRIO



Serviço Social, arte, cultura e resistência **9**

Por uma Política Cultural Popular **12**

Arte e Cultura no cotidiano do trabalho profissional **16**

Arte como símbolo da profissão **21**





Vimos trazer reflexão
Nesse local cheio de arte.
A poesia, o bacamarte,
Carregado de emoção.
Que no debate abrirão
Portas, vielas e moinhos,
Desvendando
redemoinhos
De lacunas e janelas,
Na cultura e naquelas,
Todas formas de
caminhos.

Entendendo o que
dizemos
O texto explicará
Com a forma de atuar,
Na atuação realizaremos;
A obrigação nós teremos,
Na defesa da cultura
Pra que quebre a
estrutura,
Promover transformação
Nesse verso e no refrão
Reforçamos a postura!

É preciso investir
Mais em nossa cultura:
Música, literatura,
Na arte de fazer rir.
E nos versos aplaudir.
Assistentes sociais,
Na briga por ideais,
Contra a precarização
Sem política na mão,
Mas são muito cruciais.

Qual cultura defendemos?
Pra visão emancipatória?
Pensando na trajetória
Qual caminho seguiremos?
Eu peço aqui que pensemos:
Nós somos a resistência?
Que caminha a persistência,
Em rumo a emancipação?
Estamos a contramão!
Na luta por consciência [...].

(Maria Clara Psoa)

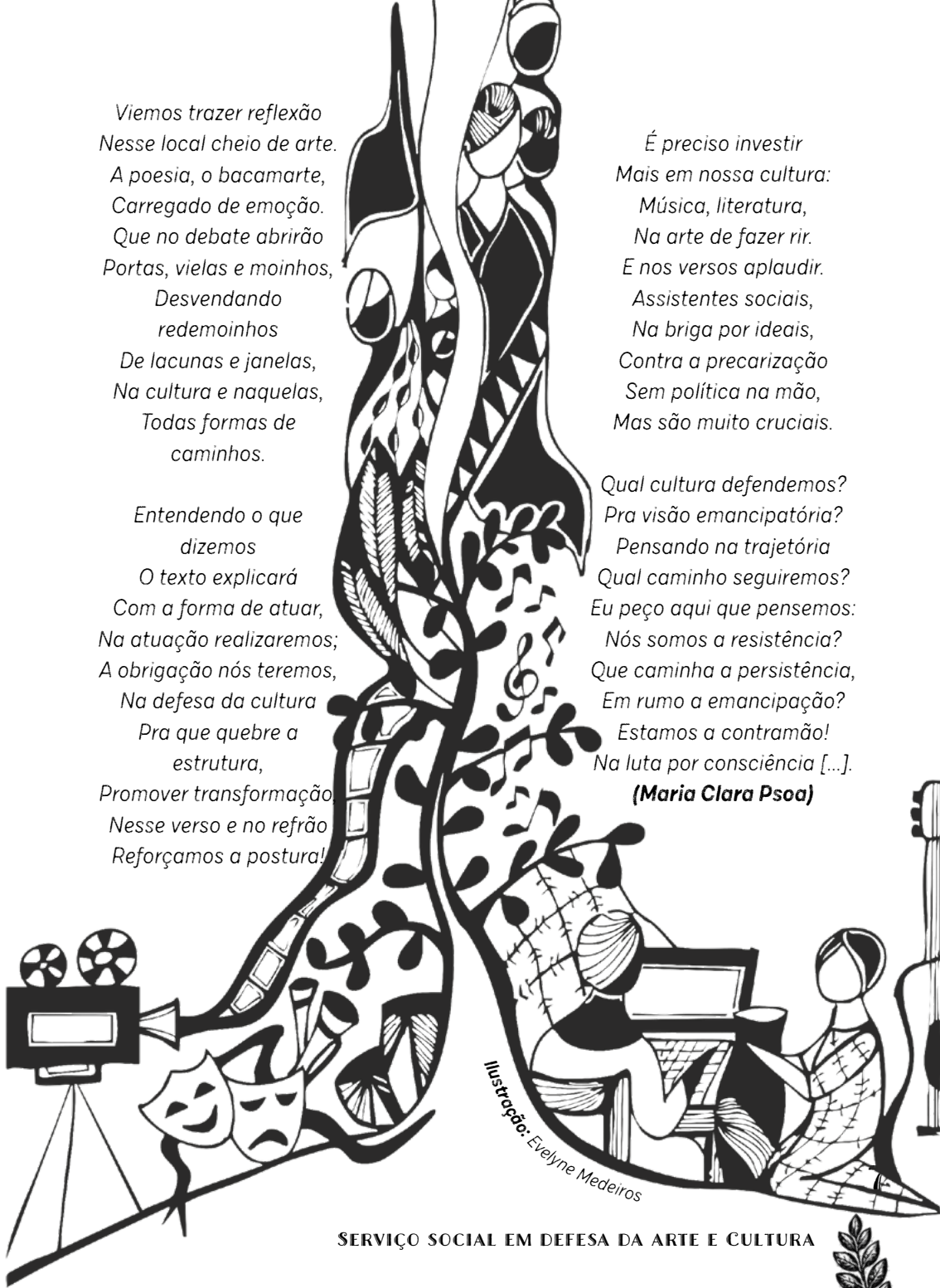


Ilustração: Evelyne Medeiros





SERVIÇO SOCIAL: ARTE, CULTURA E RESISTÊNCIA!



COLEGA ASSISTENTE SOCIAL, PARE POR UM MINUTO, OBSERVE AO SEU REDOR E SINTA...

A arte está em todos os lugares – no assobio da trabalhadora e do trabalhador que passam na calçada, no bordado do pano de prato da cozinha, nos grafites das paredes na comunidade, na batalha de rima nas esquinas. A arte é uma dimensão da vida humana, uma forma de trabalho que possibilita a nossa reflexão e impacta em uma esfera educativa a partir do nível do sensível, transcendendo nossa subjetividade.

Já aconteceu com você, não é mesmo? Aquele filme que fez você refletir sobre algo que nunca havia pensado. Aquela música que mexeu com os seus sentimentos. Uma cena de uma peça teatral que fez seu coração acelerar e os seus olhos encherem d'água. Percebe como isso é poderoso? Viu como as manifestações culturais, por meio da arte, têm o poder de nos ensinar e transformar a nossa percepção? Isso, porque a arte é uma expressão da cultura, consciente e intencional com a potência de comunicar por meio de inúmeras linguagens e, assim, construir um saber; tendo a possibilidade de despertar a reflexão crítica, ou seja, a possibilidade de compreender a realidade para além da sua aparência. Você percebe a potência disso? A arte tem dimensões de resistência!



Não é à toa que a arte é uma das dimensões censuradas pelas ditaduras ao redor do mundo, devido à poderosa condição que possui de levar a reflexão e impactar em dimensões da crítica. A arte, ao ter essa possibilidade, também é capturada pela ideologia burguesa; afinal, como bem lembra Marx na Ideologia Alemã: “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”. E com a arte isso não poderia ser diferente, não é? A ideologia dominante sabe usar muito bem a arte para propagar suas concepções, bem como para transformar a arte em uma mercadoria.

Alguns autores e autoras vão chamar de indústria cultural uma forma de massificar e transformar a arte e cultura em uma mercadoria fabricada e imposta pelas grandes corporações, para o consumo das massas. Percebemos isso quando ligamos a televisão, acessando a internet e andamos pela rua; onde a arte é utilizada como uma mediação para venda de produtos e serviços, bem como para manipular as concepções e percepções. Por isso, muitas vezes, acabamos reduzindo a arte como entretenimento ou como forma de acesso elitizado, como algo distante da classe trabalhadora. Essa compreensão, capturada pela lógica do capital, esvazia as potências críticas da arte e da cultura, reproduzindo dimensões da alienação.

A arte que, como assistentes sociais, defendemos busca se distanciar dessa concepção burguesa e reducionista e dialogar com as possibilidades críticas das mediações artísticas. **Nossa defesa da arte como dimensão humana se relaciona diretamente com o nosso projeto profissional, que percebe as potencialidades das dimensões artísticas em uma dimensão emancipatória.** Longe de perceber a arte somente como mero entretenimento, o Serviço Social marca sua concepção da arte também como dimensão crítica produzida nos mais diversos espaços pela classe trabalhadora, por exemplo, a arte periférica que, por meio de sons, rimas, cores e gestos, denuncia a perversidade de um sistema econômico que destrói vidas. Portanto, o papel da consciência crítica, da intervenção na realidade e cotidiano,





Grafite 'A Periferia Tem Rosto de uma Mulher preta': Sandriane Rocha (Sane)

é fundamental para ser possível extrair da arte elementos importantes que se colocam nas trincheiras da emancipação.

A compreensão da arte como dimensão crítica e uma expressão cultural que é viva de diversas maneiras no cotidiano da classe trabalhadora e que pode ser articulada em nossos processos de trabalho¹ como uma mediação necessária no enfrentamento às expressões da questão social. Seja por meio das músicas, do cinema, do teatro, do Hip Hop, da poesia, da literatura, do grafite, dentre tantas outras. Em espaços formais, como museus e galerias, ou na diversidade do cotidiano e de tantos espaços e territórios. A arte é sopro de vida em tempos em que a dureza do cotidiano nos retira o oxigênio, representando um respiro em uma época sedenta por resistência.

¹ Ver em SCHERER, Giovane Antonio. Serviço Social e Arte: Juventudes e Direitos Humanos em Cena. São Paulo: Cortez, 2023.





POR UMA POLÍTICA CULTURAL POPULAR

A arte e a cultura são necessidades humanas, fundamentais para a classe trabalhadora, o que nos implica na defesa de uma política cultural e exige que superemos a visão restrita de eventos e espetáculos, para abraçarmos uma concepção alargada de cultura. A política que defendemos deve responder aos anseios profundos da nossa classe, estruturando meios efetivos para visibilizar, valorizar e aprofundar o potencial cultural vivenciado e construído nos saberes populares. É imperativo constituir as políticas culturais no terreno sólido das políticas públicas e sociais, compreendendo a arte e a cultura não como privilégio ou mercadoria, mas como um direito humano inalienável e um direito social da classe trabalhadora.

Uma cultura democrática deve estar fincada no chão da história! Como um direito, ela deve mergulhar nas contradições existentes, para desnaturalizar as desigualdades históricas, enfrentando os preconceitos estabelecidos e fortalecendo a sementeira popular da nossa criatividade e inventividade em suas múltiplas cores, símbolos e linguagens. **Não pode haver uma política cultural socialmente referenciada na classe trabalhadora sem que ela seja laica, universal e pautada na pluralidade.** A unidade na diversidade é um princípio para enfrentar a concentração de recursos nos grandes centros urbanos e a reprodução de lógicas conservadoras que capturam os poucos investimentos na área.





Charge: Mindu Zinek

Nesse horizonte, a política cultural deve se pautar, inegociavelmente, pela democratização do acesso, pela descentralização dos recursos, pela participação ativa, pelo protagonismo e pelo rigoroso controle social e popular. Uma política cultural fincada na realidade deve regar nossas possibilidades de futuro, criando alternativas que superem a dimensão do consumo, autocentrado no entretenimento fugaz e na produção puramente mercadológica. Porque cultura se faz nos hábitos cotidianos e costumes vivenciados em comunidade e coletividade, ou seja, cultura sendo modo de vida, representa o reflexo da realidade vivida em sociedade, sua reprodução, desde as esferas econômicas às sociais. Portanto, se estamos em uma sociedade individualizante e mercadológica, a cultura também refletirá a mesma lógica, com a arte sendo produto dessas relações sociais.



É urgente disputarmos o sentido dessa política, recusando as máscaras das mitologias neoliberais. Nós produzimos cultura, mas também a realizamos; nós fazemos cultura, mas também trabalhamos com ela. A lógica da meritocracia, reforçada por uma política baseada na disputa de editais de fomento e na renúncia fiscal, é um espetáculo que fantasia a realidade e alimenta a responsabilização individualista e a lógica da concorrência. O que o neoliberalismo chama de “economia criativa” e “empreendedorismo” é, muitas vezes, o nome fantasia para a retirada de direitos, para a perpetuação da ausência ou da concentração de recursos.

Por isso, debater cultura é também enfrentar a disputa sobre o fundo público. É preciso que a parcela da riqueza socialmente produzida por nós retorne à classe trabalhadora. A produção, a fruição, a expressão e a possibilidade de atuar tanto na criação, como na apreciação, são direitos que devem ser garantidos a todas as pessoas. Isso possibilitará que as expressões mais diversas desse país continental atravessem os diferentes territórios, formando um verdadeiro cortejo cultural de nossas realizações e identidades.

Não haverá política cultural efetiva sem sua vinculação orgânica com os pilares da seguridade social. Todo equipamento social é também um equipamento cultural. É necessário estabelecer um Sistema Único que articule equipamentos, planos, programas e projetos setoriais específicos da área cultural. Simultaneamente, devemos aprofundar sua transversalidade, ampliando o diálogo da cultura com a educação, a assistência social, a saúde e as demais políticas. O direito à cultura deve ser uma diretiva universal, priorizando sempre aquelas e aqueles que historicamente foram apartadas e apartados dessa alternativa, e fortalecendo aquelas práticas que historicamente foram marginalizadas.

Para garantir essa direção, a participação popular não pode ser retórica. É preciso garantir os espaços políticos de participação, fiscalização, proposição, deliberação e ação coletiva. Isso se dá nos processos



de controle social e popular, nos conselhos de direitos, nas conferências municipais, estaduais e nacionais de cultura, mas também no fomento a alternativas de participação autônoma, em que as distintas realidades territoriais sejam acolhidas e escutadas.

Além disso, afirmamos: não existe política cultural sem arte, não existe arte sem artistas, e artistas compõem a classe trabalhadora. É preciso garantir direitos trabalhistas e previdenciários, formação continuada e espaços de difusão do trabalho. A seguridade deve alcançar artistas em toda a sua diversidade. Pessoas que produzem no artesanato, na maestria, na arte-educação e na vivência e contexto de rua são trabalhadoras da cultura. Condições dignas de vida e trabalho são essenciais para a liberdade de criação.

Da mesma forma, uma política cultural pública precisa de quem a realize cotidianamente. Ela não pode existir sem trabalhadoras e trabalhadores do serviço público. A defesa do concurso público e de espaços sócio-ocupacionais adequados é vital para que a política de cultura não seja um espaço de improvisação e voluntarismo. O serviço público de carreira é o fundamento para uma política estruturada, com continuidade, memória técnica e democratização. **A cultura, enquanto política de Estado, precisa ter as mesmas garantias institucionais de qualquer outra área.**

Por tudo isso, é importante termos assistente sociais na política cultural. Assistentes sociais, assim como tantas(os) outras(os) profissionais, inserem-se nesse campo de trabalho da cultura. Nossas competências e atribuições privativas consolidam-se para viabilizar o direito à arte e à cultura como trabalho, expressão, acesso, espaço do sensível, de humanização e de sociabilidade. Uma política cultural popular é necessária para o Brasil. E o Serviço Social é indispensável para a construção dessa política, assim como é fundamental refletirmos sobre a arte e a cultura na formação e no planejamento de nosso trabalho profissional.





ARTE E CULTURA NO COTIDIANO DO TRABALHO PROFISSIONAL

A arte e a cultura são parte do cotidiano da sociedade, expressam as estruturas e organização das cidades, as relações estabelecidas nos bairros, nas escolhas alimentares e na leitura política para entender o mundo. Essa transversalidade apresentada na arte e cultura também atravessam o cotidiano dos espaços sócio-ocupacionais, lócus de atuação também de assistentes sociais, em especial nas políticas sociais, como a assistência social, saúde, educação, habitação, segurança alimentar e nutricional, entre outras políticas.

O movimento da realidade que atravessa o cotidiano do trabalho de assistentes sociais precisa ser compreendido, investigado e a atuação profissional precisa incorporar elementos críticos, como a práxis e a autonomia relativa, para que possibilitem ampliar (ou contrapor) as expressões artísticas e manifestações culturais que possam se estabelecer nos territórios que atuamos.

A leitura crítica da realidade social é parte da instrumentalidade que na profissão nos coloca em movimento frente às dimensões ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa, as quais, ao serem articuladas, permitem apreender as contradições presentes seja em uma atividade lúdica, recreativa e nos posicionamentos expressos neste contexto.



É importante, por exemplo, que estejamos atentas e atentos na escolha de quais músicas são utilizadas nos espaços onde atuamos; a relação com os objetos culturais presentes nas paredes do local de trabalho, ou mesmo nos convites para as atividades que serão desenvolvidas. Como são os dizeres e os agradecimentos entre as falas das pessoas participantes; qual a leitura que se faz quando há a religiosidade presente e qual conexão entre arte e cultura é proposta, para garantir os tempos na programação das atividades de trabalho que contemplam ações artísticas.

Para isso, é sempre importante a elaboração de questões como: qual o objetivo dessa atividade? Que valores e afirmações estão presentes? O que, dito como arte e cultura, reforça (ou não) preconceitos e violências ou são manifestações emancipatórias?



Arte: Rafael Werkema



A atenção para esses momentos é importante para colocarmos em prática os princípios do Código de Ética , em especial a ampliação e consolidação da cidadania; a defesa do aprofundamento da democracia; o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito; incentivo e respeito à diversidade; o compromisso com a qualidade dos serviços prestados. Possibilitar o trabalho profissional a partir das experiências de arte e cultura tem sentido ao estar alinhado aos princípios elegidos historicamente pela profissão.

Assim, podemos ter, na arte e cultura, elementos interessantes como a música, que pode possibilitar mediações reflexivas nos grupos atendidos; a poesia como abertura ou fechamento das atividades realizadas, a fotografia como possibilidade de catalogar a realidade dos territórios ou mesmo o teatro e a dança, para fortalecer o diálogo sobre o pertencimento dos povos originários e comunidades tradicionais que estão dispostas na sociedade brasileira e latino-americana. Tantas são as possibilidades para que os nossos instrumentos de trabalho tenham, na arte e cultura, riquezas interventivas!

Ousar dispor da transversalidade da arte e cultura nos espaços sócio-ocupacionais é também um caminho que articula pertencimento de classe, para dialogar e trazer significados importantes para a atuação cotidiana, a partir das demandas da população atendida por assistentes sociais. Esse movimento tende a contribuir com a leitura crítica sobre o resgate de valores históricos e a construção de caminhos que elevam o trabalho profissional no cumprimento das demandas da população, possibilitando explicitar tensões, ao passo de traçar ações coletivas e que podem estar somadas ao projeto de trabalho profissional, independentemente de onde estejam atuando.

Sinalizamos, ainda, como o processo de trabalho pode (e deve) incluir a perspectiva artística/cultural como componente da ação profissional. Há potência na linguagem como veículo de diálogo com a população atendida; na possibilidade de traduzir os dilemas da vida cotidiana



e debater sobre a população; no recurso da denúncia das violências e violações. Uma poesia, uma música, um esquete, uma figura/pintura, muitas vezes, alcança mais rápido a população atendida nos espaços sócio-ocupacionais do que outras estratégias mais convencionais de comunicação.

Sabemos que temos trabalhadoras(es) e pesquisadoras(es) desta temática no Serviço Social brasileiro e é muito importante conhecê-las(os) e nos apropriar de suas reflexões, pois elas se mostram potentes, em um contexto social que exige de nós, assistentes sociais, cada vez mais inovações e criatividade na arte de se comunicar. Esse documento se agrega a essas pesquisas e, no âmbito do Conjunto CFESS-CRESS, se traduz numa iniciativa ainda introdutória, considerando que há muito para aprendermos coletivamente sobre o tema.

Voltando ao cotidiano de trabalho, como sugestão, propomos, ainda, que o espelhamento na curadoria artística pode oferecer interessantes possibilidades de implementação da arte e da cultura no fazer profissional, porque, ao mesmo tempo que exige certa organização logística e até financeira, possibilita que assistentes sociais qualifiquem a intervenção com intencionalidade ético-política, bem como melhor diálogo com as pessoas artistas que podem ser envolvidas. Partindo da abstenção da neutralidade, a curadoria é compreendida como o ato crítico e mediador de selecionar, contextualizar e apresentar objetos, práticas e saberes, de modo a produzir sentido para o público, sem hierarquizar nem silenciar as vozes das pessoas criadoras. Sendo assim, não se limita à escolha de peças ou expressões: é uma operação ética, estética e política, que busca revelar relações, histórias e processos sociais, permitindo que cada intervenção seja compreendida em sua vitalidade e em suas contradições.

A curadoria para uma intervenção artística precisa ser comprometida com o aprofundamento da democracia. Portanto, cuidados sobre como abordar questões atreladas à garantia aos direitos humanos e



à laicidade da profissão (verificando a Resolução CFESS 1084/2024), são fundamentais para um planejamento que possa enriquecer a materialidade das dimensões da intervenção profissional, na relação com a arte e com a cultura. Esperamos que esse documento seja uma referência para abrir muitas outras possibilidades de debates, exercitar nossa criatividade e, principalmente, alimentar nossas trincheiras de resistências com as diversas e plurais potencialidades humanas!



*“[...] Por isso a seriedade
Com o assunto cultural!
A arte é fundamental
Para a nossa sobriedade.
Promove a atividade.
Agrega a expectativa,
Confluindo a perspectiva.
Não ser entretenimento.
Mas sendo um elemento
De nossa iniciativa.*

*Por fim queremos dizer:
Que espaço fundamental!
Reflexão essencial!
Que trazemos por prazer
No coletivo se erguer,
Exalta a necessidade,
Enfatiza a prioridade,
No CFESS, esse debate,
Da arte, faz o resgate.
De nossa diversidade”.*
(Maria Clara Psoa)



UMA ARTE COMO SÍMBOLO DA NOSSA PROFISSÃO



Os símbolos têm referências e significados em determinados contextos sócio-históricos. O que se convencionou para identificar o Serviço Social nos seus primórdios, a exemplo da Estrela dos Reis Magos e a Balança com a Tocha, haja vista a aderência da profissão a valores religiosos e perspectivas vinculadas a movimentos de bases confessionais, hoje estão distantes das características e referências da profissão. Atualmente, o Serviço Social existe como profissão em diversos países.

Está presente em todos os continentes e, em cada um desses locais, há símbolos ou identidades visuais distintas, que, em geral, expressam a perspectiva da profissão em determinado momento da história e são assumidos pela categoria a partir da identificação simbólica entre o fazer profissional e o significado dos símbolos escolhidos.



Nessa perspectiva, o CFESS, a partir dos anos 1990 (na gestão 1996-1999), **adotou uma referência na obra de Arthur Bispo do Rosário - fundos murrado** -, que se encontra estampada na capa do Código de Ética Profissional e, mais recentemente,



está também grafada no documento de identidade profissional do/a assistente social (DIP).

A escolha não foi aleatória, muito pelo contrário: esse homem, diagnosticado como paranóico-esquizofrênico, viveu por mais de quarenta anos internado em hospitais psiquiátricos, onde executou a maior parte de sua obra artística, composta por mais de mil peças, e tornou-se uma das referências para as gerações de artistas brasileiros dos anos 1980 e 1990.

Uma **“homenagem do CFESS a cada pessoa usuária das políticas e serviços sociais, em nome do respeito, qualidade e responsabilidade nos termos dos princípios** firmados por este Código que nossa ética profissional pretende assegurar. A imagem de Bispo procura ainda reconhecer e enaltecer os esforços dos vários segmentos sociais, políticos e profissionais que se mobilizam pelo compromisso ético com a liberdade, equidade e democracia”, diz trecho da apresentação à edição de 1996 do Código de Ética.



Assim, os ramos que se espalham por esta brochura e outras peças do CFESS são fragmentos inspirados na arte de Bispo do Rosário. Conheça mais sobre a história do artista em <https://museubispodorosario.com/>

EU PRECISO DESTAS
PALAVRAS-ESCRITA





Grafite: *A Periferia Tem Rosto de uma Mulher preta,*
por Sane



Charge: por Mindu Zinek



Ilustração: por Evelyne Medeiros